

Quem o diz é filha de Eduardo Mondlane:

“Políticos oportunistas disputam

Por Paulo Machava

Nyeleti Brooke Mondlane, filha do Dr. Eduardo Chivambo Mondlane considerou, em entrevista ao SAVANA, que “algumas posições que alguns políticos assumem à custa da figura de Eduardo Mondlane são absolutamente hipócritas”. Ela fez essas duras críticas na entrevista retrospectiva sobre as comemorações do 79º aniversário do nascimento daquele que é conhecido como o arquitecto da unidade nacional e fundador da Frente de Libertação Nacional (FRELIMO). Nyeleti adiantou, no entanto, que “nós, como família, decidimos não nos envolvermos nessa disputa, porque Eduardo foi uma figura a quem todos nós temos acesso se quisermos. Oportunistas há sempre e a sociedade deve saber trabalhar a verdade da mentira”. Ela reitera dizendo: mas que há oportunistas que se expressam bem nos jornais e rádios, isso há, e nós, muitas vezes, nos divertimos à custa deles”. Por seu turno, o Dr. Alexandrino José, historiador, realça a opinião de Nyeleti alicerçando que a iniciativa da fundação é bem vinda, mas muito ainda há por saber sobre a obra de Mondlane. “O espólio de Mondlane é vasto e cabe aos cientistas abraçar as fontes vivas”.



“Há políticos oportunistas que se expressam bem nos jornais e nos divertimos à custa deles”. Nyeleti Mondlane.

to na qual participaram personalidades ligadas à vida política nacional e outras figuras estrangeiras que mantiveram contactos significativos com Mondlane em diferentes etapas da sua vida.

Sobre estes eventos, Nyeleti diz que “há cerca de 5 anos que a sua família vinha pensando em lançar a Fundação Eduardo Chivambo Mondlane que, em primeiro lugar, seria dirigido essencialmente a área de educação. No entanto, em consulta com várias pessoas que conheceram Mondlane chegou-se à conclusão de que a fundação não devia dedicar-se a educação, isto é, não seria suficiente porque Eduardo Mondlane era maior que isso. Então, decidimos criar uma fundação multidisciplinar. Trabalhámos com várias entidades nacionais e estrangeiras no sentido de organizar a melhor forma de organizarmos o primeiro pontapé da fundação. Nesta fase, a FECM está criada para a área comunitária, gestão de conflitos a nível da região, para a educação, promoção de ciências sociais, temos um ramo de publicações que é basicamente para publicar trabalhos nossos e para recolhemos trabalhos de jovens universitários e fazermos publicações. Temos um prémio denominado “Eduardo Mondlane” para esses trabalhos no valor de dez mil dólares que foi lançado em Fevereiro último. Este prémio é anual para trabalhos literários e o concurso começa no próximo ano. Temos, igualmente, um ramo cultural e temos outra componente virada para o ramo de pesquisa. A actividade que agora nos ocupa é a chamada colecta do legado de Eduardo Mondlane. O Eduardo e a Jannet trocaram cerca de 8 mil cartas durante o período em que estiveram juntos, e o Eduardo escreveu muitas cartas para outros camaradas de luta e durante o tempo em que esteve nas Nações Unidas trocou corres-

pondência muito interessante e então estamos a fazer a colecta desse correspondência e outra audio-visual. A fundação terá, por outro lado, uma sala de computadores onde qualquer pessoa interessada pode vir adquirir material para fazer pesquisa que lhe interessar, este projecto vai ainda levar mais ou menos um ano e meio. Os debates serão outros componentes a levar à cabo pela FECM. Nesta área, vamos organizar, no próximo ano, um grande debate sobre a corrupção e, no ano de 2001, vamos levar ao debate a questão da nacionalidade. Vamos, igualmente, fazer ressurgir as bibliotecas móveis, sobretudo nas capitais provinciais e iremos instalar algumas bibliotecas em algumas escolas primárias.

Mas, durante a semana comemorativa, conseguiram atingir os objectivos preconizados, ou seja, que balanço faz sobre as actividades realizadas nesse período?

— Esta semana, nós fizemos uma experiência, foi um evento que foi preparado pela componente debate dentro da Fundação e o objectivo era o anúncio a sociedade que a Fundação Eduardo Mondlane teria sido autorizada e que nós começamos a funcionar.

Porquê este ano? Porque foi neste ano que fomos autorizados e é o último ano do milénio. Houve propostas que apontavam que teria mais sentido se a fundação fosse lançada no ano 2000, porque essa seria uma maneira de marcarmos o começo do novo milénio. Outra pergunta que se fazia era: Porquê celebrar os anos do Eduardo Mondlane quando faz setenta e nove e não quando faz oitenta. E porquê trinta anos depois e não antes? E a resposta é simples. Primeiro, trinta anos depois porque não estávamos organizados e por outro, nós filhos, éramos muito mais novos. Agora, somos todos muito mais maduros, temos

outra maneira de podermos ajudar a mãe nesse exercício e estamos prontos para embarcar nesse projecto. Comemoramos aos setenta e nove anos porque é último ano do milénio e a Jannet argumentou esse facto e muito bem. Ela disse que Eduardo Mondlane viveu neste milénio, então, é neste milénio que devemos celebrar o seu nascimento, por outro, porque fomos autorizados este ano. Outro ponto é que queríamos celebrar os anos do seu nascimento e não 3 de Fevereiro. Aliás, nessa altura não estávamos prontos para fazer isto em Fevereiro.

Como viram o nosso logotipo era “A celebração de uma Vida”.

Continuando a falar das realizações posso lhes dizer que ainda está a decorrer a exposição fotográfica no Salão Nobre do Conselho Municipal por 60 dias e depois vai ser exibida noutras zonas do País como Inhambane, Gaza, etc... Até chegar a Cabo Delgado e sempre nas sedes dos Conselhos Municipais de todas as capitais provinciais. A exposição voltará a Maputo e aí vamos tentar fazer a mesma exposição em escolas. Entre outras actividades fizemos um Convénio e um serviço ecuménico no Khovo e dia vinte fechamos as celebrações do lançamento da fundação com uma festa na terra natal do Eduardo onde o nosso projecto comunitário vai iniciar os seus trabalhos.

O projecto comunitário é um consórcio de doze organizações não-governamentais que investiram na aldeia de Mondlane e é o conceito do desenvolvimento comunitário para a zona. O projecto foi concebido em sentido de desenvolvimento espiral que eventualmente cubra programas do distrito e da província. A ideia não é começar só com coisas novas, vamos tentar começar por base, dar acesso à água, dar acesso a serviços de saúde, serviços de educação no

âmbito do plano do governo e não fazermos uma coisa à revelia do programa do governo, portanto, reforçamos o que o governo planificou mas não conseguiu cumprir.

Falou do projecto de desenvolvimento comunitário da terra natal de Eduardo Mondlane. Há quem diga que esse projecto é extremamente ambicioso. Será que a fundação irá levá-lo a bom termo?

— Olha, se nós estivéssemos a pensar em construir palácios eu diria que, sim, é ambicioso. Se alguém é a reparar no que existe a nível das sedes distritais, se alguém um dia tiver o cuidado de falar com as autoridades distritais há-de ver que os distritos têm programas ou têm o desejo de cumprir programas que não conseguiram realizar.

A Fundação Eduardo Chivambo Mondlane não vai trazer coisas novas no sentido de criar infra-estruturas. A única infra-estrutura que eu acho que a Fundação está a trazer a Manjacaze é a tal rede de energia renovável de painéis solares que é uma tecnologia nova que vamos introduzir. De resto, eu, penso que encorajar instituições para porem poços de água, para melhorarem um pouco a tecnologia, quer dizer, pôr um depósito em vez das pessoas terem de puxar. Pôr um painel solar que permite que a água seja bombada não é muito ambicioso é só uma questão das organizações Não-governamentais terem um sentimento de apor. Podíamos muito bem ir lá dizer vamos fazer um novo hospital, mas acho que não há essa necessidade. Não é ambicioso no sentido que nós vamos reforçar o que existe e vamos tentar ajudar as populações para as coisas básicas. Por exemplo, vamos pôr uma casa agrícola, porque existem condições para as populações fazerem agropecuária, só que aquele sítio está abandonado e é só preciso que alguém tenha vontade e um pouco de dinheiro para começar, e as populações vão aderir, visto que elas estão cheias de vontade, mas não têm os meios. Não é tanto dinheiro como as pessoas pensam. Falamos em 300 mil dólares. Estamos a falar trezentos mil dólares que queremos angariar para um distrito dar início. Já começamos a pôr poços de água, já começamos as negociações com Ministério da Indústria e Energia para os painéis solares e já começamos a negociar com uma organização não-governamental fora de Moçambique para dar uma bicicleta a cada professor e a cada enfermeiro no distrito. Se isso é ambicioso não sei eu não acho.

Mas o custo do projecto só gira nesses 300 mil dólares?

— Ultrapassa. É óbvio que ultrapassa, porque é um projecto que deve correr... vamos dizer, para a eternidade. A nossa tarefa, a Fundação entende, que, se ela for idónea, vai conseguir a adesão

Na entrevista que passamos a transcrever, Nyeleti Brooke Mondlane não deixou de, no entanto, mandar alguns recados a aqueles que tentam divorciar a figura do seu pai da Frelimo porque “estão a ser desonestos consigo próprios. Eduardo Mondlane faz parte da Frelimo e a Frelimo só tem que respirar o legado do homem que teve a sorte de ter. Sobre a sociedade como é hoje só tenho que dizer que todas as sociedades evocam os heróis, trabalham os seus heróis. Põem os seus heróis em compartimentos e tira-os desses lugares para os seus fins e quando acaba de os usar voltam a os colocar nesses compartimentos. Então, são figuras que não pecam e as pessoas usá-las para os seus fins”.

A filha de Mondlane e Secretária-Geral da Fundação Eduardo Chivambo Mondlane, FECM, tenta, no entanto, amenizar esta questão dizendo que “eu não condeno quem tenta utilizar a figura de Eduardo Mondlane como ponto de referência para assuntos como da unidade nacional, idoneidade da sociedade, transparência de gestão e na política. Acho que isso é bonito e só enaltece ainda mais a figura de Mondlane e de quem faz uso da sua imagem”. Só que algumas posições que alguns políticos assumem a custa do Eduardo são absolutamente hipócritas”.

Mas a sua família nunca pensou intervir quando assiste que esse aproveitamento da figura do arquitecto da unidade nacional

é exagerado?

— Eu acho que se alguma vez a disputa for muito séria e se chegar ao ponto de exagero é óbvio que a família terá que tomar uma posição em defesa do nosso pai. Teremos que intervir. Contudo, até agora, penso que a disputa não é séria.

Então, quer dizer que até agora banalizam o que se passa à volta da disputa da figura de Mondlane?

— Sim. E sobretudo agora que estamos a marchar para as eleições é natural que os partidos políticos, as figuras políticas tentem evocar o Eduardo a favor de uma outra causa. Mas é como eu disse se alguém quiser utilizar a figura de Eduardo, o pensamento do Eduardo para justificar um programa do futuro, que o faça porque ele é uma figura nacional, é uma luz da unidade nacional. Ele teve pensamento muito lúcido, aliás, no livro “Lutar por Moçambique” isso está explícito. Agora, se queremos evocar que o façam, mas o oportunismo de algumas pessoas é que nos deixa um pouco triste.

Comemorações positivas

De 17 a 20 a FECM, foi oficialmente lançada e a par disso, cumpriu um programa que integrou inúmeros eventos comemorativos denominados “A celebração de uma Vida” para marcar o 79º aniversário do nascimento de Eduardo Chivambo Mondlane.

A realização de uma convenção, na cidade de Mapu-

figura de Mondlane”

de várias organizações nacionais e internacionais para investirem, numa primeira fase, em Manjacaze e depois vamos a outros distritos. A nossa tarefa é mais de chamar atenção ao facto de que existem comunidades em diferentes pontos do País que precisam de ajuda que o governo não consegue cobrir com os seus programas, e uma das tarefas como todos sabemos é que a sociedade civil tem que também puxar as suas energias para ajudar as populações.

Há quem diga que o objectivo da fundação é para perpetuar o pensamento de Mondlane. Acha que a sociedade despertou com este movimento?

Eu penso que os media em Moçambique trabalharam no sentido de divulgar a celebração. Por isso achamos que as pessoas despertaram, pelo menos, a nível das capitais provinciais quem tiver acesso a uma rádio ou televisão sabe que a Fundação Eduardo Mondlane foi lançada. A Fundação Eduardo Mondlane tem que fazer acções a nível das províncias para que as pessoas saibam que ela existe. Isso é um processo. Demos o pontapé de partida em Maputo porque foi aqui onde nós lançamos a fundação e, com o tempo, havemos de realizar

acções a nível das provinciais e as pessoas vão de tomar conhecimento. Somos pequenos ainda.

Veja que a maior parte das nossas despesas foram pagas por instituições e indivíduos que fizeram pagamentos directos ou que nos prestaram serviços. As passagens aéreas dos nossos convidados foram pagas por uma instituição, as refeições, o convénio foram custeadas por várias instituições algumas que quiseram ficar no anonimato e algumas fizemos menção nos jornais junto aos nossos agradecimentos.

Durante a convenção onde participaram personalidades que conviveram com Mondlane, conseguiram vislumbrar algo de novo naquele que é dado como o arquitecto da unidade nacional?

— Sim. Muitas coisas novas. Nós tivemos a sorte de conversar com muitas pessoas que conviveram com Mondlane. O convénio foi uma produção cronológica em que começamos com Eduardo criança e o professor Casimiro Matia que foi professor dele no Khovo em Manjacaze foi quem abriu a convenção dando-nos o discurso sobre a vida dele e sobre o pensamento de Eduardo quando criança, quando os mais adultos co-

meçam a compreender que o Eduardo é uma pessoa especial e merece um investimento por parte da Igreja para ver se ele faz alguma coisa da sua vida em Lourenço Marques e na África do Sul, posteriormente em Portugal e nos Estados Unidos.

Nós como filhos, tivemos a oportunidade de conversarmos com Casimiro Matias,

tivemos a oportunidade de falar com Kenneth Kaunda sobre o pensamento de Eduardo das actividades dele quando ele estava a criar a Frelimo, as negociações dele com as pessoas das Nações Unidas. Conversamos sobre as opiniões porque que Julius Nyerere achou que o tempo era maduro para ele se instalar na Tanzânia, como é que Kenneth Kaunda, como é que

Lumumba, como é que Agostinho Neto, participaram e conversaram com ele sobre a ideologia daquele tempo, porque é que ele foi assassinado. Foram conversas muito interessantes e, obviamente, o Kenneth Kaunda compartilhou com o convénio o pensamento dele, através de um poema que havemos de publicar. E oxalá que as pessoas tenham acesso. Tive-

mos um Madiba que não conheceu o Eduardo mas, a sua antiga esposa estiveram juntos em Winster na mesma escola na Alemanha, e o Madiba estava a dizer que a Winnie recordava-se de alguns passagens de Eduardo quando ele se destacava lá, então, ele deu-nos oportunidade de conhecermos algumas coisas muitas coisas interessantes.

No convénio houve alguma coisa que lhe chamou mais atenção sobre a personalidade do seu pai?

— Era injusto eu dizer que uma ou outra passagem me tenham chamado mais atenção. Foi tudo interessante mais acho que o que me tocou mais emocionalmente foi ouvir Casimiro Matias falar sobre Eduardo quando criança e pequenas passagens da personalidade dele. Como filha os aspectos políticos são muito interessantes mas ouvi dizer que o meu pai dava porrada aos outros miúdos quando voltava da pastagem, que o Eduardo passou toda vida de adolescente a ler, e que ele guardava os livros debaixo da cama quando passou a ter colchão. Olha amarrava os livros com um fio e punha os livros do colchão. Foram alguns dos aspectos interessantes que me tocaram mais profundamente. ■



Nyeleti mostrando o croquete do projecto Nwajahane, em Manjacaze